



PENSANDO ÁFRICAS  
E SUAS DIÁSPORAS  
NEABI – UFOP

## **Pensando Áfricas e suas diásporas**

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 02 N. 01 – nov/dez 2016

**Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas**

## **Os afoxés como movimentos sociais na Bahia: luta por igualdade e afirmação étnica**

Liliane Maria de Santana Santos\*

**Resumo:** Os afoxés surgem em meio a um cenário de fortes proibições a elementos ligados ao candomblé e advindos da “cultura negra”: sendo assim, o surgimento dos afoxés na Bahia está atrelado à visibilidade do candomblé nas ruas da cidade, assim como, a “criação” de uma identidade negra na Bahia, pautada pela luta dos direitos dos negros em meio à sociedade. Nesse sentido, entendemos os afoxés como movimentos sociais à medida que eles lutam por um ideal específico e visam uma transformação social. Eles aparecem então como forma de expressar a resistência negra existente, afirmando uma identidade étnica, bem como demarcando espacialmente o lugar dos negros na sociedade. O candomblé é a religião base para o surgimento e desenvolvimento dos afoxés na Bahia, é como expressão do candomblé que os afoxés vão sair às ruas e mostrar-se enquanto meio de lutar pela igualdade. É nesse período de surgimento dos afoxés que ocorre o processo denominado de “africanização” da Bahia, quando o negro passa a ser valorizado e começa-se a criar uma identidade negra baiana que depois é espalhada pelo Brasil. No ano de 2010, séculos depois de criados os primeiros afoxés na Bahia, eles passam a ser considerados patrimônio imaterial, dando maior respaldo aos já existentes e possibilitando maior incentivo para que eles permaneçam com suas lutas por igualdade e afirmação étnica. Nesse ínterim, temos como objetivo entender a trajetória de desenvolvimento dos afoxés em Salvador para que assim possamos compreender de que maneira eles foram importantes para a luta por igualdade, assim como para a afirmação étnica existente. Apesar de no trabalho mencionarmos vários afoxés, nosso foco estará voltado para o Afoxé Filhos de Gandhi em Salvador, afoxé moderno e um dos mais antigos da Bahia. Para tanto, buscamos relacionar a escrita, a oralidade e imagens, através de pesquisas documentais e de uma etnografia do referido afoxé. Sendo assim, entendemos que, apesar de terem surgido em diferentes contextos, a essência dos afoxés continua a mesma, bem como a valorização à religião que os fundou.

**Palavras-chave:** Afoxés; Candomblé; Cultura negra; Resistência negra.

**Abstract:** Afoxés appear amid a scenario of strong prohibitions on elements linked to candomblé and coming from the "black culture": thus, the appearance of the afoxés in Bahia is linked to the visibility of candomblé in the streets of the city, as well as the "creation" of a black identity in Bahia, based on the struggle for the rights of blacks in society. In this sense, we understand the afoxés as social movements as they strive for a specific ideal and aim at a social transformation. They then appear as a way of expressing the existing black resistance,

---

\*Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [lilimariass@hotmail.com](mailto:lilimariass@hotmail.com)

affirming an ethnic identity, as well as spatially demarcating the place of blacks in society. Candomblé is the base religion for the emergence and development of the afoxés in Bahia, it is as an expression of the candomblé that the afoxés will take to the streets and show themselves as a means of fighting for equality. It is in this period of the emergence of the afoxés that the so-called "africanization" process of Bahia occurs, when the black people starts to be valued and begins to create a black Bahian identity that is later spread throughout Brazil. In 2010, centuries after the creation of the first afoxés in Bahia, they become intangible heritage, giving greater support to existing ones and allowing greater incentive for them to remain with their struggles for equality and ethnic affirmation. In the meantime, we aim to understand the developmental trajectory of the afoxés in Salvador so that we can understand how they were important for the struggle for equality, as well as for the existing ethnic affirmation. Although we mention several afoxés in our work, our focus will be on afoxé Filhos de Gandhi in Salvador, modern afoxé and one of the oldest in Bahia. To do so, we seek to relate writing, orality and images, through documentary research and an ethnography of this afoxé. Thus, we understand that, although they have arisen in different contexts, the essence of the afoxés remains the same, as well as the appreciation of the religion that founded them.

**Keywords:** Afoxés; Candomblé; Black culture; Black resistance

## 1. Introdução

Os afoxés<sup>1</sup> surgem na Bahia por volta do século XIX, em meio a um cenário de fortes proibições a elementos ligados ao candomblé e advindos da “cultura negra”. O seu aparecimento neste cenário é como meio de dar visibilidade aos negros que não tinham espaço na sociedade baiana, bem como, demonstrar a religiosidade existente presente neles. Assim, os afoxés surgem como maneira de contestar a sociedade na medida em que insere os negros nas ruas da cidade e reverenciam o candomblé, visando então uma transformação social naquele lugar.

Nesse sentido, iremos trabalhar os afoxés enquanto movimentos sociais, entendendo-os como “um empreendimento coletivo de protesto e contestação visando a impor mudança de importância variável- na estrutura social e/ou política mediante recurso freqüente- mas não necessariamente exclusivo- a meios não institucionalizados”. (Chazel in Goirand, 2009)

Quando colocamos em pauta os afoxés enquanto movimentos sociais, estamos querendo evidenciar a capacidade de luta e o objetivo de transformação neles presente, sendo mais que uma simples manifestação cultural, mas um movimento que contesta e busca mudanças para uma parcela da sociedade a qual até então tinha sido mantida excluída (os negros).

Mesmo com toda a luta dos afoxés, eles não são muito valorizados pelas populações às quais estão atrelados: são vistos mais como um momento de festa do que uma manifestação

---

<sup>1</sup>Risério explica que a palavra ‘afoxé’ significa “enunciação que faz (alguma coisa) acontecer”, “a fala que faz”, “encantamento”, “palavra eficaz, operante”.

social em busca de reconhecimento e valorização. Sendo assim, o afoxé surge para demonstrar a presença dos negros na sociedade e tentar alcançar uma maior aceitação através do convívio com eles, tentando integrar o negro nos diversos espaços sociais.

Dessa maneira, essa pesquisa buscará retratar a luta dos afoxés por igualdade e afirmação étnica. Nossa perspectiva parte do princípio de que a existência dos blocos de afoxé pode ser considerada forma de “resistência negra”, assim como elemento central na construção ou re-construção de uma identidade negra, através de sua história e interesses que influenciaram e influenciam toda a sociedade.

Assim, buscaremos realizar uma análise histórica e contextual sobre esses blocos, presentes na memória escrita (artigos, dissertações, livros, jornais), oral (memória dos atores sociais) e visual (registro de imagens). A pesquisa contemplará as atividades desenvolvidas pelos afoxés durante todo o ano, assim como as datas comemorativas de que sejam esporádicas. Nesse sentido, a prática etnográfica será o principal instrumento da pesquisa, nos utilizando do modelo de etnografia sugerido por Geertz (1989), que se refere à etnografia como uma descrição densa, de forma a olhar o objeto com “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas (...)” (p.20).

A indagação central que está norteando o desenvolvimento desse trabalho é descobrir como se deu o aparecimento dos afoxés em Salvador, quais cenários e quais os contextos propícios para o seu desenvolvimento, para que assim tenhamos uma gama de informações sobre os fatos envolvidos nesse processo de formação e consolidação dos afoxés, relacionando todos os dados possíveis acerca do assunto.

Esta indagação nos remete a discussões teóricas acerca da “identidade, da festa, da etnicidade, da religião” entre outros conceitos e categorias abordadas no desenvolver no trabalho. Iremos situá-los numa perspectiva da antropologia política, entendendo esses blocos como associações de cunho político e social, ou seja: mais do que simples organizações festivas, os afoxés colocam-se politicamente na sociedade baiana e de maneira geral em toda a sociedade.

A noção de identidade em que está pautada esta análise está relacionada com as ideias de Stuart Hall (2002), nas quais a identidade é entendida como algo dinâmico, que desarticula estabilidades e possibilita o surgimento de novas identidades.

O conceito de festa aqui abordado como elemento secundário terá suas ideias

expressas através do pensamento de Antônio Risério (1981). Segundo ele, o carnaval/festa é entendido como um momento em que não há simplesmente uma inversão de valores ou uma reflexão da sociedade vigente, mas há também uma transformação naquela sociedade. É capaz de alterar algumas características da sociedade: quando ele termina, nem tudo volta a ser exatamente como já foi anteriormente. Pautados por este pensamento, analisamos as festas aqui envolvidas no desenvolvimento dos afoxés como momentos em que há de alguma maneira uma transformação da sociedade.

Quanto à etnicidade, segundo Malik (1996), a etnicidade (valendo também para a identidade) é pré-determinada por uma dada conjuntura histórica, espacial e social. Dessa maneira, utilizar-se desses conceitos em relação a um grupo social é promover sua identificação e, concomitantemente, seu controle a partir de referenciais de relações de poder já estabelecidos.

Já a religião é entendida de acordo com Durkheim (2000) como o meio responsável pela criação e manutenção da solidariedade entre os indivíduos, possibilitando assim estabilidade e harmonia social.

Dessa maneira, o que apresentamos aqui neste estudo é apenas parte de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida acerca do surgimento e desenvolvimento dos afoxés em Salvador, enfatizando-os como movimento social e como possibilidade de afirmação identitária. Esta análise será pautada pela antropologia política, a qual nos dará os conceitos necessários para entendermos todo esse processo de surgimento e desenvolvimento dos afoxés em Salvador.

## **2- Gênese dos Afoxés em Salvador**

Os afoxés surgiram na Bahia ainda no século XIX, pautados por um ideal de resistência negra e valorização étnico-racial, mais precisamente em 1895 através dos grupos Pândegos da África e Embaixada Africana, os quais, por possuírem boas relações sociais e desfilarem com elementos considerados dos grupos brancos, eram de certa maneira tolerados pela sociedade. Isso não significa que eles fossem afoxés com características de brancos: eles tinham em suas composições todo o aparato que era comum aos batuques da época, contudo, por serem mais glamorosos, eles eram mais bem aceitos, ainda que de fato fossem afoxés. Sendo assim a criação dos afoxés nesse período evidencia o candomblé nas ruas da cidade,

demarca um espaço territorial e se faz presente enquanto marca de uma resistência cultural, período denominado de “africanização” da Bahia.

Este período é considerado um momento de africanização da Bahia tendo em vista que se passa a remeter à África o local das raízes negras aqui existentes. Nessa identificação com as raízes promove-se uma afirmação do ser negro. A valorização do candomblé e a saída dele às ruas através dos afoxés é um dos maiores indícios dessa valorização das raízes e de afirmação identitária.

Dessa maneira, o surgimento dos afoxés no contexto baiano desenvolve-se num período marcado por um contexto político turbulento, no qual tem recente o momento de Abolição da escravatura (1888) e início da República no país (1889). Apesar da República instaurada, as desigualdades existentes na Monarquia continuam a existir e assim, apesar dos negros serem libertos, continuam a ser tratados como escravos.

Para o contexto em que estavam inseridos, período da pós-abolição da escravatura, os referidos clubes conseguiam se aproveitar das brechas encontradas para demarcar o território e ter uma ampla aceitação pela população e pela imprensa da época. Era uma forma indireta de mostrar resistência e criar mecanismos identitários, levando a cultura afro-brasileira para as ruas, principalmente através dos elementos do candomblé, que era evidenciado durante o cortejo. De acordo com Sodré (2008)<sup>2</sup> “o afoxé é uma extensão do terreiro. Normalmente quem está ali é a comunidade das casas religiosas para brincar em conjunto”.

Nessa conjuntura, vamos buscar entender como se dá esse processo de desenvolvimento dos afoxés em Salvador. Será feita uma análise dos acontecimentos relevantes que ocorreram durante o período pós-abolição até a atualidade e como esses afoxés se relacionam a esses acontecimentos, para que, assim, se possa entender qual a importância desses afoxés para a realidade baiana no decorrer dos tempos.

Para entender toda a complexidade dos cenários e contextos de surgimento desses afoxés, buscaremos entender a estrutura de seu desenvolvimentos. Os afoxés possuem uma organização e dinamismo inerentes às movimentações da coletividade: nesse sentido que se podem relacionar alguns conceitos sobre os movimentos sociais os quais dão conta de explicá-los. Para tanto, iremos abordar a questão da influência das redes de relações sociais para o surgimento e desenvolvimento dos afoxés em Salvador.

---

<sup>2</sup> Dado obtido através do Livro: *Desfile de Afoxés* produzido pelo IPAC Salvador, 2010.

De acordo com Passy (1998), nós podemos afirmar que a função de socialização das redes desempenha um papel preponderante nos processos de engajamento individual. As redes de relações sociais são fundamentais para o processo de engajamento dos indivíduos, assim como para o desenvolvimento dos movimentos sociais, visto que, através dos círculos de proximidade e/ou amizade que se cria pode-se ter maiores “facilidades” para engajar-se e desenvolver mobilizações. Foi no sentido de pensar as redes de relações como meio de alianças e amizades estabelecidas para o surgimento dos movimentos sociais que pensamos acerca do surgimento e desenvolvimento dos afoxés em Salvador.

Os dirigentes de Os Pândegos da África e a Embaixada Africana tinham participação política, atuação em sindicatos e organizações e bom nível de escolaridade, o que lhes favorecia na criação e consolidação dos referidos clubes. Ou seja, as redes as quais os dirigentes desses clubes estavam inseridos eram baseadas na informalidade das relações de amizade e troca de favores que circundam o âmbito da política.

Segundo Tarrow (2009), os desafiantes são encorajados à ação coletiva quando têm aliados que podem atuar como amigos nos tribunais, como garantias perante a repressão ou como negociadores aceitáveis em seu favor. No caso dos clubes negros ou afoxés é justamente por ter aliados influentes e que poderiam auxiliar em um momento de forte repressão que os dirigentes desses blocos se arriscaram a sair às ruas e demarcar o seu espaço cultural. Essas variáveis que permeiam os dirigentes possibilitaram uma aceitação pela população branca e pela imprensa da época, visto que suas condições econômicas faziam com que os afoxés fossem legitimados.

Já os afoxés que não possuíam dirigentes com boas condições financeiras e nem com bons aliados eram vistos apenas como batuque da população marginalizada. Há uma evidência da dominação simbólica (Bourdieu, 1999) da aceitação de uns que possuem recursos financeiros e bons contatos e a desaprovação de outros que são desfavorecidos economicamente e não possuem aliados consistentes.

Era como se os negros que faziam parte dos clubes organizados não tivessem uma ligação com a pobreza e imoralidade que era vista para com os negros da época. Peter Fry<sup>3</sup> analisando as descrições de Nina Rodrigues acerca do desfile desses clubes e comparando com os afoxés mais comuns, diz que aqueles são desenvolvidos por “negros de alma branca”.

---

<sup>3</sup> Fala expressa no Livro *Desfile de Afoxés* produzido pelo IPAC Salvador, 2010.

Sendo assim, estes clubes eram entendidos como superiores aos demais existentes, então deveriam ser ao menos superficialmente aceitos. Nesse ínterim, percebemos que foi crucial para que eles surgissem ter uma rede de relações sociais que subsidiasse e apoiasse o seu desenvolvimento. Sem essa rede de pessoas influentes na época, que poderia lhes ajudar em caso de algo funcionar de maneira errada, muito provavelmente esses clubes negros ou afoxés não teriam saído às ruas e/ou teriam sofrido fortes repressões e desaprovação total por parte da população.

Para o contexto em que estavam inseridos, período da pós-abolição da escravatura, os referidos clubes conseguiram se aproveitar das brechas/oportunidades políticas encontradas para demarcar o território e ter uma boa aceitação pela população e pela imprensa da época: era uma forma ainda que implícita de mostrar resistência e criar mecanismos identitários.

Outro meio eficiente de manifestação era utilizar-se das festas do calendário católico, ou seja, o dia de algum santo, que servia como justificativa para uma manifestação festiva. Assim, segundo Figueiredo (2001), a eclosão de protestos sociais coletivos escolheu as comemorações de dias santos como data preferencial para marcar o encaminhamento das insatisfações. Dessa forma, durante todo esse período do século XIX, os negros tentaram mostrar de alguma maneira a sua revolta e indignação, assim como se afirmaram enquanto pessoas inseridas naquele contexto social.

O calendário festivo foi utilizado como estratégia de mobilização de recursos para que a população marginalizada pudesse ter acesso aos festejos. Essa teoria da mobilização de recursos (McCarthy [1977]; McAdam, McCarthy and Zald [1996]) permite uma visão da forma como os negros foram se inserindo nos diversos espaços, contudo ela não é suficiente para explicar todos os acontecimentos que os levaram a se engajar nos afoxés e nem as estruturas que os envolviam. Ela explica apenas parte de um processo longo e complexo e por isso não foi utilizada como foco dessa pesquisa.

Outra forma de minimizar as pressões e proibições aos negros foi a aparição de grupos de “índios-negros”. Estes não eram índios verdadeiramente, mas negros que se fantasiavam de índios para se expressarem sem tantos receios, já que nesse momento era difícil e perigoso para um negro se expressar sem repressões.

Assim, fantasiar-se de índio dava um caráter mais nacional e menos preocupante para a população baiana. Estavam implícitos nessas atitudes dos manifestantes os repertórios de

[51/59]

ação (Néveu, 1996) existentes nesse movimento dos afoxés, os quais explicam o tipo de mobilização utilizada, assim como a forma como ela é construída. Por não dar conta de explicações mais gerais, os repertórios de ação também não foram priorizados nesta análise.

Em 1902 (século XX), os afoxés pediram licença à Prefeitura de Salvador para desfilar: este pedido foi veementemente negado e causou uma série de discussões, visto que nesse pedido trazia-se à tona a questão de que os afoxés eram marginalizados, mas resistiam. Da mesma forma, o pedido propunha, ainda que indiretamente, uma maior aceitação de seus próprios elementos simbólicos do candomblé, e reiterava uma ideia bastante recorrente nesse período: a ideia de resistência cultural.

A nossa polícia não se dignou ainda providenciar para que nas próximas festas carnavalescas a Bahia não ofereça o triste espetáculo de outros anos (...) e se por acaso tivermos a felicidade de ao noticiarmos as festas de domingo e terça-feira, registrar a ausência dessa vergonha para esta terra, só teremos que agradecer ao povo, que, compreendendo o nosso esforço e a nossa posição, abandonou a ideia desses candomblés e entregou-se sob outro aspecto mais digno as diversões de Momo que não conhece hierarchias nem tristezas (Jornal de Notícias, 07/02/1902).<sup>4</sup>

Dessa maneira, os afoxés eram considerados uma vergonha para aquela sociedade, tendo em vista que representavam o candomblé, que era visto como uma “mancha” para a Bahia. No âmbito desta situação em 1906 foram publicadas medidas oficiais que proibiam o desfile dos negros nas ruas.

De ordem do Sr. Dr. Chefe de polícia e segurança pública, e, para conhecimento de todos, faz-se sciente que nenhum club poderá apresentar-se nas ruas da capital sem aprovação das respectivas críticas pela polícia, e bem assim que não será absolutamente permitido:

- 1- a exibição de clubs de costumes africanos, candomblés;
- 2- a exibição de críticas offensivas a personalidade e corporações;
- 3- o uso de mascaras depois de 6 horas da tarde, excepto nos bailes até meia noite” (Jornal A Bahia, 16/02/1906).<sup>5</sup>

É importante mencionar que quando utilizamos o termo “festa negra” estamos nos referindo ao conceito utilizado por Reis (1991), o qual diz que esse tipo de festa representava, sobretudo, uma fuga da vida diária por meios de rituais de inversão simbólica da ordem social, espécie de protocarnaval negro. Assim, não estamos utilizando como termo preconceituoso de separação étnica, mas para evidenciar as peculiaridades destas festas no

---

<sup>4</sup> Dado obtido através do Livro: Desfile de Afoxés produzido pelo IPAC Salvador, 2010.

<sup>5</sup> Dado obtido através do Livro: Desfile de Afoxés produzido pelo IPAC Salvador, 2010.



contexto político e social da época, que buscavam uma transformação social através de suas manifestações.

Aparece a partir de 1930 uma imprensa denominada de “imprensa negra” que irá dar visibilidade aos acontecimentos referentes às manifestações negras. Neste período, as autoridades passam a se preocupar menos com as manifestações culturais dos negros, dando um afrouxamento o qual permitiu cada vez mais que os negros se inserissem na busca de valorização e reconhecimento. Passa a existir então uma maior valorização da cultura negra, que vai mostrar o carnaval como forma de expressar uma baianidade existente.

O candomblé então se faz presente nas disputas pelos espaços sociais através dos afoxés, os quais em sua grande maioria estão diretamente ligados à religião de matriz africana. Assim, desde as cores das roupas utilizadas nos afoxés até os adereços, músicas e toques estão presentes elementos que simbolizam os orixás e à religião africana como um todo. Atualmente percebe-se uma transformação acerca das pessoas que participam nos afoxés, mas analisaremos isso em outro momento.

Vale ressaltar que foi o afoxé quem levou o carnaval para as ruas, foi por meio das manifestações negras nas ruas que passa a existir o carnaval de rua em Salvador. Assim, o afoxé foi essencial nesse processo de construção de um modelo de carnaval que se consolidou na sociedade baiana. Ainda que, mesmo tendo sido o precursor desse momento, não tenha, até a atualidade, conseguido lograr um destaque nesse cenário. Destarte, o carnaval aparece nesse contexto como o cenário propício para a dinâmica de manifestação dos afoxés.

## **2.1 O Afoxé Filhos de Gandhi**

O afoxé Filhos de Gandhi surge ainda em um cenário de turbulência e conflitos em 1949. A República já estava consolidada, mas ainda assim o negro era colocado à margem da sociedade, permanecendo excluído e ignorado da maioria dos direitos sociais. Apesar de nesse período o candomblé não ser mais proibido (1946 e 1947) e nem as festas, os negros ainda se deparam com a forte consideração deles como desqualificados para ocupar um ambiente social. E é como forma de resistência e afirmação que eles persistem ao saírem às ruas. “Nessa lógica, a transposição do candomblé para as ruas, durante o carnaval, significou uma posição política diante de uma sociedade excludente que via nas manifestações culturais africanas um atraso cultural” (Santos, 2010).

Ele aparece com o discurso de “Integração Social”, permitindo a participação de pessoas de diferentes etnias. Contudo em seu início e durante muito tempo apenas negros faziam parte do bloco, tendo em vista que brancos se achavam superiores para participar. Os que trabalhavam no porto (local de trabalho dos fundadores do afoxé Filhos de Gandhi) eram em sua maioria negros, logo, era comum que fossem negros quem participassem desse afoxé. É por este mesmo motivo que ele se constituiu como um bloco exclusivamente masculino e se mantém assim até a atualidade.

Este afoxé não evidencia posições políticas, mas fica nítido que ao aparecer num cenário Pós Segunda Guerra Mundial e influenciado pelas ideologias do líder político e religioso indiano Mahatma Gandhi, o afoxé traz implicitamente a sua luta contra a opressão aos negros e consolida-se como uma referência de organização negra e resistência cultural.

Devido à queda salarial dos estivadores ligados ao sindicato do porto de Salvador, o Bloco Comendo Coentro que saía todos os anos pomposamente não poderia sair neste ano específico. Sendo assim eles organizaram um novo bloco/cordão denominado de Filhos de Gandhi. Estes estivadores tinham um bom nível de conhecimento dos acontecimentos internacionais devido ao trabalho no porto e ao assistirem ao filme sobre Mahatma Gandhi ficaram impressionados com a forma de “revolução” dele. Então inspirados nessa filosofia da paz e dispostos a manter-se nas ruas, surge o afoxé Filhos de Gandhi.

Na década de 80, possuíam já um forte respaldo cultural: já tinha cerca de 4 mil associados e entre eles um vasto número de pais de santos, os quais davam legitimidade à divulgação do culto nagô como afirmação étnica.



[54/59]

*Afoxé Filhos de Gandhi 1949 (Foto: Pierre Verger)*

Filhos de Gandhi foi criado por estivadores do porto de Salvador, mas precisamente por Durval Marques da Silva (Vavá Madeira) e seus amigos. O seu desenvolvimento não se deu de forma linear: em 1970 ele some para só reaparecer em 1979. Este período de desagregação do afoxé está ligado ao momento histórico. Na década de 70 aparecem os blocos de trio que dão uma configuração inteiramente nova ao carnaval baiano e à posição que os afoxés vão ocupar nesse cenário.

Nesse período haverá um recuo dos afoxés e estes começam a perder espaço nas ruas de Salvador, retornando apenas em 1979, influenciados e apadrinhados por Gilberto Gil, cantor de alto renome nacional, permanecendo no cenário baiano até o momento atual. Na atualidade, o afoxé Filhos de Gandhi, que iniciou com poucos participantes, possui cerca de 8000 associados, sendo que no carnaval este número aumenta chegando a cerca de 10000 homens no cortejo.



*Afoxé Filhos de Gandhi - Praça Castro Alves 2011 (Foto: Liliane Maria)*

Este afoxé tornou-se ao longo dos anos o mais famoso e o mais valorizado de todos os afoxés brasileiros, inclusive entrando no livro dos recordes como o maior afoxé do mundo. Assim, na atualidade têm-se na Bahia dois tipos de afoxé: de um lado os Filhos de Gandhi, consolidado e com recursos e, de outro, os afoxés menores que tentam sobreviver.

### **3. Algumas transformações advindas dos Afoxés**

A participação dos afoxés e mais adiante dos blocos Afro em Salvador constitui o que Risério (1981) classificou como o processo de “Reafricanização” do carnaval baiano e de toda

[55/59]

a sociedade, tendo em vista que a partir do aparecimento desses dois meios de organização negra em meio ao contexto do carnaval baiano, a participação negra se fez presente de maneira ativa na festa. O aparecimento desses afoxés e também mais adiante dos blocos afro produz uma transformação na forma de ver esta sociedade e de pensar sobre os negros, tendo em vista que este processo de “reafricanização” traz em si uma conscientização política, religiosa, cultural e social que possibilita criar mecanismos de identificação étnica e valorização da cultura afro-brasileira.

De acordo com Gluckman (1987), o conflito entre grupos heterogêneos pode condicionar mudanças sociais e culturais na estrutura e organização de uma sociedade. Então, é através desses conflitos internos/externos que as mudanças vem se estabelecendo. Essas mudanças não ocorreram ou ocorrem de maneira rápida e imediata, mas através de um processo de transformação social árduo, visto que envolve motivos, sentimentos e crenças as quais são profundamente arraigadas no interior de cada indivíduo, dificultando a aceleração destas mudanças.

No entanto, é perceptível o fato de que a inserção dos afoxés nas ruas de Salvador provocou uma nova maneira de se pensar a sociedade baiana e nacional em relação à questão da religiosidade, da afirmação étnica e da valorização da cultura. Cria-se uma “espécie” de movimento em prol do ser negro nesta cidade, movimento este que vai incentivando o uso de roupas, cabelos, adornos e demais elementos que estejam ligados à cultura africana como forma de se afirmar como parte daquela cultura e criar ou forjar uma nova identidade para os negros baianos. Este processo de mudança não ficou restrito apenas a Salvador ou a Bahia, mas se expandiu por outros lugares no Brasil. Assim, o fenômeno de *reafricanização* do carnaval e dos blocos afro possibilita, de fato, uma mudança da realidade, ao contrário do que postula Da Matta (Silva, 2004, 286). Os afoxés constituem então um largo processo de identificação e assimilação da cultura negra, fazendo existir uma nova perspectiva no âmbito social, com o fortalecimento da identidade negra, ainda que envolvida num jogo de resistência e, concomitantemente, co-produção de seus envolvidos. Evidencia-se a diferença étnico-racial brasileira e com isso ocorre uma mudança significativa na maneira de pensar o Brasil.

A visibilidade dessa busca de afirmação e resistência cultural atinge seu ápice através dos cortejos dos respectivos afoxés, momento em que eles saem às ruas e podem ser vistos pela sociedade, a qual os legitima enquanto entidades de representação do negro em Salvador. Ou seja, os afoxés desenvolveram suas trajetórias através de vieses que se complementam em

busca da permanência no espaço social que eles conquistaram ao longo dos anos no cenário baiano como forma de resistência e preservação das suas raízes culturais, lutando por igualdade, respeito, valorização e afirmação identitária.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maria de. In: *Revista de Aracaju*, 2005, nº 11.
- AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à Brasileira. Significado de festejar, no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH/USP. 1998.
- BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. *Desfile de Afoxés*. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e Etnia. *Construções da pessoa e resistência cultural*. São Paulo. Brasiliense. 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Secretaria da Educação e Saúde. 1948.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 6ª edição- RJ- Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de J. P. Neto. São Pulo: Ed Paulinas, 1989.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. SP: Cia. Editora Nacional, 2 vols. 1965.
- FERREE, Myra Marx and MUELLER Carol McClurg. *Feminism and the Women's Movement: A Global Perspective*. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESE, Hanspeter (eds.). *The Blackwell Companion to Social Movements (Blackwell Companions to Sociology)*. Oxford, Blackwell Publishing, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. RJ: M& Schmidt/José Olympio. 1933.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna” In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, pág.227-344, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. 1997. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola.
- GOIRAND, Camille. *Movimentos Sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada*. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 22, n.44, 2009, p. 323-354.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2002.

MALIK, Kenan. *The Meaning of Race*. MacMillan, London. 1996. *Apud*: SILVA, Ana Claudia Cruz da. *Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas: uma etnografia de movimentos negros em ilhéus*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. *Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais*. Brasília, Revista Brasileira de Ciência Política, nº 3, janeiro-julho de 2010, p. 49-77.

PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RISÉRIO, Antônio. *Carnaval Ijexá. Notas sobre Afoxés e Blocos do Novo Carnaval Afrobaiano*. Corrupio, Salvador. 1981.

SANTOS, Nívea Alves dos. In: BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. *Desfile de Afoxés*. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.

SAWICKI, Frédéric. *Lestemps de l'engagement. À propos de l'institutionnalisation d'une association de défense de l'environnement*. Publié dans Lagroye (Jacques) (dir.), *La politisation*, Paris, Belin, "Socio-Histoires" 2003.

SILVA, Ana Claudia Cruz da. *Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas: uma etnografia de movimentos negros em ilhéus*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, 2004.

SODRÉ, Jaime. *Jornal Irohin*, 27/01/2008. *Apud*: BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. *Desfile de Afoxés*. IPAC/Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2010.

TURNER, Victor W. *Floresta de Símbolos: Aspecto do Ritual Ndembu*. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto- Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

## **Outras fontes**

Associação Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi

Entrevista com AGUIAR, Fernando J F. 2011.

Site: [www.filhosdeganhy.com.br](http://www.filhosdeganhy.com.br)